

# CRIAÇÃO & CRÍTICA

## PENSAR MESCHONNIC E A HISTORICIDADE RADICAL DA LINGUAGEM

Maria Sílvia Cintra Martins <sup>1</sup>

*“Ora, pode ser que a modernidade, enquanto inserção histórica na história das modas, seja uma atitude crítica que consiste em situar as práticas como historicidade, como especificidade, como práticas do sujeito, do sujeito do poema, e não do indivíduo”*  
(Meschonnic 2023, p. 65).

*“Você quer sair dessa mascarada: pense ritmo. No sentido em que digo, claro. Não naquele dos dicionários”* (Meschonnic 2023, p. 169).

*“O problema seria: trabalhar para uma teoria da história que seja aquela de uma teoria da historicidade radical da linguagem. Que seria o homólogo do arbitrário saussureano da linguagem (a tomada da relação entre o sistema, o valor e o radicalmente arbitrário) para a história?”* (Meschonnic 2012, p. 35).

*“[...] seguir, através de todas as transformações da história, o curso do desenvolvimento espiritual da humanidade pela mão da linguagem que está profundamente enredada nela e que a acompanha de etapa em etapa, é a tarefa importante e abrangente da Linguística geral”* (von Humboldt, Wilhelm, Sobre a diversidade na estrutura da linguagem humana)

**Resumo:** Este artigo versa sobre a teorização do poeta, linguista e tradutor Henri Meschonnic. Levo em consideração várias obras de cunho científico do autor, sendo uma delas póstuma. Com base em resultados de pesquisa financiada pela FAPESP (2019/07879-4), proponho pensar e continuar Meschonnic na medida da compreensão e da discussão aprofundada de alguns de seus conceitos-chave, quais sejam: o signo, o sujeito do poema, historicidade, poética, modernidade e modernidade da modernidade.

**Palavras-chave:** Poética; Ética; Modernidade; Signo; Sujeito do poema; Historicidade radical.

## THINKING MESCHONNIC AND THE RADICAL HISTORICITY OF LANGUAGE

**Abstract:** This paper deals with the theorization of the poet, linguist, and translator Henri Meschonnic. I consider several works of scientific nature by the author, one of which is posthumous. Based on the results of the research financed by FAPESP (2019/07879-4), I propose to think and continue Meschonnic in terms of understanding and in-depth discuss some of his key concepts: the sign; the subject of the poem; the historicity; poetics; modernity and the modernity of modernity.

<sup>1</sup> Professora sênior do Departamento de Letras da UFSCar com atuação nos Programas de Pós-Graduação PPGL/UFSCar e LETRA/USP. Email: msilviam@ufscar.br

# CRIAÇÃO & CRÍTICA

**Keywords:** Poetics; Ethics; Modernity; Sign; Subject of the poem; Radical historicity.

## Introdução<sup>2</sup>

Pensar Meschonnic é entrar em seu pensamento e tratar de pensar com ele – e não segundo ele, com inúmeras citações. Tal gesto se dá como ele próprio tratou de pensar Humboldt, como única forma de realmente presentificar seu pensamento sem os riscos contínuos da burocratização, da discretização. O signo, o teológico-político. Para tanto, urge pensar a continuidade como atividade e interação constante entre o poético, o ético e o político, passando necessariamente pelo sujeito do poema em sua historicidade radical, e pela modernidade como modernidade da modernidade. Isso porque a própria linguagem já traz em si a linguagem e a teoria da linguagem: trata-se da linguagem em seu funcionamento, já que não podemos parar para pensar e então falar. Falamos e, simultaneamente, essa fala se volta sobre si própria. Por isso mesmo, só pela linguagem e pela poética há a possibilidade de reflexão ética e política sobre o sujeito – e sobre a modernidade.

Eis o sujeito do poema em sua historicidade radical, porque já é em sua atividade instantânea, quando em parte se faz de retomadas e da assunção de uma subjetividade que antes era de outrem. Mas, imediatamente, se faz moderno, não porque implique de alguma forma uma novidade, mas pela historicidade radical de seu estar aqui e agora – em que o passado se faz presente: o presente do presente, o passado do presente e o futuro do presente.

Tudo começa no funcionamento presente em que o moderno se opõe a todo contemporâneo, ao que já está lá, ossificado, estruturado, bem-comportado. As academias. A origem como funcionamento. Há também a arbitrariedade radical da linguagem – não se trata do arbitrário em seu equívoco do convencionalismo do signo linguístico, na leitura da vulgata saussureana.

É isso necessariamente o que nos cumpre fazer, e que em alguma grande medida Meschonnic nos propiciou, ao nos legar um texto difuso, necessariamente difuso e pouco propenso às normatizações. Trata-se de um texto propício ao desfazimento, pois essas são as duas artimanhas mais comuns no academicismo: ou o enquadramento das teorizações mais fecundas em grades taxonômicas de leitura – significante/ significado, sintagma/ paradigma, forma/ conteúdo – ou o desfazimento, com adjetivações como “hermético”, ou com perguntas em busca de uma necessária instrumentalidade: para que serve?

Estamos em busca de contribuir para que nenhuma dessas ciladas se efetive: nem a que afetou Ferdinand de Saussure e com ele a presunção do arbitrário como convencional; nem a que afeta, entre tantos, Wilhelm von Humboldt, que passou o

---

<sup>2</sup> Nesta Introdução, integro elementos de minha apresentação oral no Colóquio Internacional “Continuar Henri Meschonnic” USP/Université de Poitiers, 2022.

# CRIAÇÃO & CRÍTICA

século XX condenado ao ostracismo, decerto porque sua conceituação da linguagem como atividade soou excessivamente idealizadora aos olhos de um materialismo também mal digerido.

Pensar Meschonnic radicalmente e em sua historicidade radical envolve, em parte, aprender a reunir pensamentos que se opuseram na circulação teórico-filosófica com que temos convivido. Paradoxalmente, estão juntos Humboldt, Saussure e a Escola de Frankfurt, pensamentos que em nossa disciplinarização de saberes não caminham juntos, mesmo porque nos chegam aos pedaços, em estilhaços, em que cada pequena parte ou citação acaba adquirindo um certo pertencimento. Mas, também paradoxalmente, o que se propõe não é o ecletismo, como veremos mais adiante.

Temos o desafio de avançar, sem o que não estaremos em dia com esse pensamento radical. A arbitrariedade radical da linguagem se associa com a historicidade radical, e ambas apontam para o desconhecido: o signo linguístico é arbitrário, não porque seja convencional, até o contrário disso. É arbitrário porque a linguagem trabalha continuamente com o desconhecido – e é por isso mesmo que é na poética que se encontra seu funcionamento genuíno.

Falar em Poética, entretanto, não tem nem pode ter nada a ver com a sacralização e a transformação da literatura no âmbito teológico-político – mesmo porque está intimamente relacionada com a Ética e com o Político. Aproximamo-nos da linguagem do cotidiano e do trânsito contínuo entre esta e a escritura. O sujeito do poema, em sua modernidade e em sua historicidade radical, clama a plenos pulmões – pneumático – que não há fim da história, nem determinismo, que a linguagem se faz em funcionamento presente, sempre poeticamente, radicalmente arbitrária, na medida exata da historicidade radical.

Uma das questões centrais é esta: versa sobre a importância fundamental para a Filosofia e para as Ciências Humanas e Sociais da construção de uma Teoria crítica da Linguagem. Presume-se, assim, que ela ainda não existe e, para que venha a existir, faz-se necessária a interação recíproca entre Poética, Ética e Político.

Presume-se que, na maioria dos casos – seja na Filosofia, na Linguística, nos Estudos Literários, na Sociologia, na Arquitetura – ainda se desconhece o que seja o sujeito do poema: como esse sujeito não preexiste à linguagem; ao contrário, se faz dela e nela.

O que temos, quase sempre, é que o sujeito ao qual constantemente remetemos em nossos discursos acadêmicos sói preexistir à linguagem e, por isso mesmo, se multiplica nas várias possibilidades do sujeito enquanto indivíduo: o sujeito filosófico, o sociológico, o sujeito da enunciação.

O sujeito do poema ainda nos surpreende, quando pensamos que ele é o eu-lírico, é o narrador, e ainda assim ele nos foge. Essa fuga se dá exatamente porque está presente, escapa-nos na sua materialidade, talvez pelo efeito didático de todas as categorizações com que nos acostumamos – elas, sim, relativamente mais abstratas.

# CRIAÇÃO & CRÍTICA

Isso porque o sujeito do poema tem a ver com a especificidade e, nesse sentido, não é abstrato, não decorre de uma generalização, não é universalizante. Todos os outros o são. Só na especificidade, de fato, a arbitrariedade e a historicidade radicais se tornam possíveis. Talvez então esse seja o principal entrave para a academia, pois nela têm predominado as generalizações: é o que se busca, de resto. As regras de teor universal, que sejam suficientemente abrangentes. É no específico, no entanto, que reside o universal, e não o contrário. O específico é o ponto de partida e de chegada. Somente na especificidade encontramos, tanto o radicalmente arbitrário, como o radicalmente histórico. Como a modernidade da modernidade.

O sujeito do poema é único em sua historicidade radical. O que não tem nada a ver com uma presumida novidade radical, relativa ao novo, ao inédito. Também não se trata do historicismo. Entender historicidade de forma mecânica, como as famosas circunstâncias históricas explicativas de tal e tal evento, de tal e tal movimento, não se trata de historicismo o qual não tem como ser radical em seu fechamento mecanicista: as dicotomias; as causas e os efeitos; o eu e o outro. O sujeito do poema já é o outro. Ele se faz com e na alteridade em funcionamento linguageiro.

Não há ética nem política fora da linguagem, nem da poética. Por isso, a Teoria da Linguagem – tanto como o sujeito do poema – está dentro da linguagem - em funcionamento. A tradução se faz como campo de experimentação: ético, poético e político, e de construção e reconstrução – em ato – da Teoria crítica da Linguagem, que não lhe é externa.

Como combater o ecletismo sem causar espanto e aversão, no horizonte do pensamento contemporâneo em que temos nos habituado exatamente a isso, a puxar fios daqui e dali, entendendo que tudo teria um pouco a ver com tudo. Na pressa e no alvoroço em que vivemos, não há tempo para nos deter nas especificidades de cada pensamento, para podermos de fato nos dar conta de quais pensamentos poderiam conviver com quais outros, sem o risco do ecletismo que redundaria naquele da superficialidade e do verbalismo.

Em que sentido uma teorização que se enraíza no terreno da Linguística e em dois ícones do pensamento francês do século XX – Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste, que têm sido lidos segundo a grade e as lentes do Estruturalismo, e absolutamente distantes do marxismo – pode reunir-se ao pensamento crítico da Escola de Frankfurt, que, de resto, nem tem feito parte de nossa reflexão no campo da Linguística? Isso não seria exatamente característico do ecletismo combatido por Meschonnic?

Ferdinand de Saussure, que na maior parte de nossas referências brasileiras na área dos estudos linguísticos vem permanecendo à margem, é convocado ao centro, particularmente por sua ênfase na linguagem em funcionamento, dentro de um pensamento que pretende dar conta da teoria da linguagem (expressão inaugurada pelo linguista suíço), em íntima interação com a Ética, a Poética e o Político.

# CRIAÇÃO & CRÍTICA

Já autores como Mikhail Bakhtin ou Michel Foucault – que são aqueles convocados para se pensar o Político – são vistos com algumas restrições, exatamente porque, de alguma forma, se colocam do lado de fora da linguagem.

Na área da tradução, a Tradutologia é combatida, ali mesmo onde paradigmas diferentes são trazidos para se pensar a tradução, porém sem a ênfase necessária no âmbito do funcionamento da linguagem onde se dão a Ética e a Poética.

A essas alturas, o que afinal seria a Ética? A Poética, sabemos, não se reduz a gêneros e tendências literárias; não está fora da linguagem. Tampouco a Ética pode ser preceito ou regra de comportamento. Tudo se faz na interação entre Teoria da Linguagem, Ética, Poética e Político, ali onde a própria teoria se dá de forma experimental, em funcionamento. Há algo que se dá na linguagem em funcionamento, e por isso mesmo a tradução emerge como o lugar preferencial na Teoria da Linguagem a construir – de interesse a todos nós, na Filosofia e nas Ciências Humanas.

A historicidade radical da linguagem faz-se nesse ponto de confluência e interação em que nos deparamos com o divino, com o infinito, com o desconhecido de um campo a desvendar, a percorrer e desbravar.

Em tempo: o sujeito do poema e da linguagem faz-se ético pois ao se fazer sujeito na e pela linguagem – ritmicamente – convida o outro a se construir como sujeito, arbitraria e radicalmente.

## **Sobre o signo e sobre a Poética**

Muito embora não seja desejável a compartimentação teórica, se visamos genuinamente pensar Meschonnic como ele se propôs a pensar Humboldt, tratarei neste item de um dos elementos que compõe a Teoria Crítica da Linguagem, qual seja a Poética. Insiro, a propósito, nas palavras do autor na referência a Humboldt, para nos inspirar na direção do que seria pensar Meschonnic:

Pensar Humboldt: não entendo com isso pensar através de Humboldt, ou citá-lo, mas pensar a mesma ordem de problemas que ele começou a pensar, e pensar para além dele, mas com ele, a partir dele, constituindo-a, não apenas dentro daquilo que ele foi o primeiro a pensar, mas para o que ele continua sendo o único a ter pensado, desde sua época até a nossa (MESCHONNIC, 2012, p. 624).<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> São minhas todas as traduções das obras de Meschonnic aqui citadas com referência francesa.

# CRIAÇÃO & CRÍTICA

Parafraseando-o: pensar Meschonnic, não seria pensar através de Meschonnic, ou apenas citando-o, mas pensar a mesma ordem de problemas que ele pensou, e pensar para além dele, ainda que com ele.

Não poderemos, nesse caso, dizer que se trata dos problemas que ele foi o primeiro a pensar, mas de problemas aos quais deu continuidade e novas formulações, sendo o mais característico dele próprio o afirmar, de forma categórica, que é pela poética e pelo ritmo que se dá a entrada a uma teoria genuinamente crítica da linguagem.

Estamos, assim, na sequência dos pensamentos inaugurados por Ferdinand de Saussure (1975) e por Émile Benveniste (1988; 2006), porém dentro da recuperação da proposta humboldtiana de uma interação generalizada (MARTINS, 2022), e na convergência com o pensamento de Horkheimer (1980).

É desse encontro que surge o Partido do Ritmo (MESCHONNIC, 1982) e a crítica acirrada ao signo, que envolve, entre outros aspectos, a crítica ao signo na leitura estruturalista da teoria saussureana, que o subdivide em significante e significado, em meio a outras dicotomias. É certo que os editores do “*Curso de Linguística Geral*” contribuíram para essa possibilidade de leitura, ao remeter a problemática do valor para o quarto capítulo da segunda parte do volume, quando, segundo De Mauro (SAUSSURE, 1968), a conceituação em torno do valor e do sistema linguístico deveria ocupar suas páginas iniciais.

Trata-se, assim, entre outros aspectos, de revisitar a teoria saussureana particularmente no que diz respeito aos conceitos de sistema, de valor, de radicalmente arbitrário – assim como naquilo a que Merleau-Ponty (apud DESCOMBES, 1979, p. 75) aludiu quando disse: “Saussure poderia muito bem ter esboçado uma nova filosofia da história”.<sup>4</sup>

Podemos nos perguntar em que sentido, conforme pondera Meschonnic (2012), já estaria no Curso de Saussure a intuição e alusão ao poético como o eixo principal do funcionamento da linguagem. Não seria porque houvesse, no volume, qualquer alusão à Literatura, pois não é disso que se trata, e, sim, da referência, em termos bastante simples (talvez característicos de certa simplificação própria do discurso didático), ao “mecanismo da língua” (SAUSSURE, 1975, pp 148-155) e à forma ativa de funcionamento dos eixos sintagmático e paradigmático. Também está presente na forma com que enfatiza a efemeridade dos estados sincrônicos de uma língua, sempre sujeitos a novas alterações. Nesses dois aspectos, residiria o germe da alusão à linguagem em funcionamento de forma criativa, algo que a ênfase na estaticidade da “*langue*”, na vulgata saussureana de viés estruturalista – em oposição à “*parole*” – veio obscurecer.

É fato que, sendo a redação póstuma do “*Curso de Linguística Geral*” resultante da coleta de anotações de leituras dos participantes de seus cursos ofertados na Universidade de Genebra entre os anos de 1906 e 1911, temos diante de nós uma verdadeira colcha de retalhos, em que só um olhar atento e desprovido

<sup>4</sup> “Saussure pourrait bien avoir esquissé une nouvelle philosophie de l’histoire”.

# CRIAÇÃO & CRÍTICA

de grades estruturantes e de taxonomias consegue dar-se conta daquela riqueza para a qual De Mauro, já em 1968, nos alertou, dizendo, por exemplo, que era o valor o conceito mais importante ao qual deveríamos nos dedicar, e não o arbitrário (enquanto convencional), o que teria hipnotizado os estudiosos, em conjunto com os conceitos de sincronia e de diacronia (SAUSSURE, 1968, p. 420).

A Poética, sobretudo enquanto movimento criativo inerente à linguagem humana, está sempre em funcionamento radicalmente arbitrário, ou seja, em que as peças e o jogo não estão decididos de antemão. O que está em jogo é o desconhecido, a aventura do pensamento, o sistema, bem como um sistema necessariamente aberto, conforme podemos deduzir vários trechos presentes na edição crítica de Rudolf Engler da obra saussuriana. Há a referência à ordem sincrônica de um estado de língua: “Essa ordem é precária, pelo fato de que não é imperativa. Existe enquanto a deixarmos existir. A lei não impede a mudança de um estado de coisas” (SAUSSURE, 1989, p. 205).<sup>5</sup>

Embora o que desejamos seja continuar e avançar em relação ao legado de Meschonnic, será muitas vezes citando-o, neste trabalho, que vou em busca dessa continuidade, já que nos encontramos, ainda, naquele ponto em que sua conceituação, nas áreas de Linguística e de Estudos de Tradução, é tida como obscura ou imprópria para qualquer aplicação. Cito, de forma a refletirmos sobre o que seja a Poética, e sobre a implicação recíproca entre Poética, Ética e Político na construção de uma teoria crítica da linguagem:

É dizer que, com a poética, e pela poética, começa um estudo do sujeito e da linguagem, de tal forma que só a poética postula a necessidade de uma implicação recíproca entre a retórica (no sentido de Aristóteles, da ação pela linguagem), a poética, a ética e o político. Implicação recíproca que transforma, um pelo outro, cada um desses quatro elementos, desvelando a necessidade de um com relação ao outro. Em que a poética acede a uma definição nova da modernidade, não mais opositiva-polêmica, mas crítica e fundadora: presença no presente, forma-sujeito para pensar no sujeito do poema que não é pensado nem pela ética, nem pelo político, nem pela psicanálise, também não pela pragmática, nem pela análise do discurso. (MESCHONNIC, 2023, p. 75)

A Poética como porta de entrada para a construção de uma teoria crítica da linguagem – lembrando-nos de que, segundo Meschonnic (2010), a Tradutologia não possui teoria da linguagem. Lembrando-nos, também, conforme podemos ler no excerto acima, que é da Poética que provém a necessidade da interação recíproca

---

<sup>5</sup> Tradução minha, do original: “Cet ordre est précaire, par le fait qu'elle n'est pas impératif. Existe tant qu'on le laisse exister. La loi ne défend pas état de choses contre un changement”.

# CRIAÇÃO & CRÍTICA

entre Poética, Ética e Político – note-se que, no caso, a Ética se une à Poética e ao Político, ou seja, nenhum deles se situa externamente ou acima do outro, eles agem conjuntamente.

Uma forma de se pensar sobre a Ética e sobre a Tradução (já que esta estaria na dependência de uma teoria da linguagem) que nos põe na contramão do que se vem teorizando, hoje, em torno da Ética da Tradução.

## Sobre o Sujeito do Poema e sobre a Ética

Henri Meschonnic parece haver se dedicado a seguir rastros, e assim nos convida a segui-los e expandi-los.

Para o sujeito do poema, é em Émile Benveniste que se encontram os primeiros rastros, como também para o ritmo. Benveniste (1988), tal qual lido e expandido por Meschonnic, difere do que podemos denominar sua vulgata, em que a subjetividade não costuma ser compreendida como subjetivação, mas como expressividade pessoal, algo na linha do que a Psicologia ou a Psicanálise poderiam nos dizer. É justamente nesse ponto, entretanto, que se encontra o movimento meschonniciano da proposta da construção de uma teoria crítica da linguagem: uma teoria centrada na linguagem, e não nos aportes – que podem ser pertinentes para as respectivas áreas e para seus domínios de pesquisa – advindos de outras vertentes científicas. Não que Meschonnic defenda o isolamento disciplinar, ao contrário, mas o certo é que ele condena o ecletismo – que por sinal tem dominado a academia hoje.

É assim que na aparente banalidade presente em Benveniste (1988), quando nos chama a atenção para o fato de que os pronomes pessoais “eu” e “tu” não possuem uma referencialidade, estando sempre na dependência do processo de enunciação em que, a cada turno, e ao tomar a palavra, cada indivíduo passa a se denominar “eu” e ao outro como “tu”, é nessa base da teorização de Benveniste que Meschonnic se funda para propor a categoria teórica de “sujeito do poema”, como operador de passagem do moderno e da modernidade.

A escritura é o lugar da subjetivação máxima da linguagem, e o lugar em que o moderno, a cada retomada, se faz moderno, em contraposição ao contemporâneo. Afinal, o sujeito do poema se faz sempre estrangeiro a seu tempo, fazendo-se, assim, moderno (MESCHONNIC, 2023). É nessa medida que, assim como a modernidade, o sujeito do poema implica uma atividade, e não é único, conforme lemos em Meschonnic:

[...] é que se trata de uma atividade de um sujeito específico, o sujeito do poema, que ultrapassa incomensuravelmente a intenção, a consciência, o sujeito clássico único. A modernidade como atividade postula a pluralidade dos sujeitos, uma vez que implica um sujeito

# CRIAÇÃO & CRÍTICA

específico, diferente dos outros sujeitos. O sujeito, o valor, estamos diante da historicidade, a faculdade indefinida de presença no presente, de transformação de todos os presentes. O que se opõe ao produto da época (2023, p. 40).

Mais adiante, temos dois trechos que complementam o que lemos acima:

Porque o sujeito do poema e da arte não é um autor, mas um processo de subjetivação, uma atividade, não um suporte (hupokeimenon, subjectum) dessa atividade. E essa atividade é a atividade do poema. [...] Por causa daquilo que um poema faz – e toda obra de arte que seja uma obra: um desbordamento específico fora de tudo aquilo que possa ser consciência, intenção, vontade. Que requer, assim, um sujeito específico, com seu modo próprio de agir, que implica não somente seu próprio inconsciente, mas uma comunicação de inconsciente a inconsciente (MESCHONNIC, 2023, p. 187; 193)

Já em Meschonnic (1989) encontramos a contraposição entre o sujeito do poema e os outros sujeitos (filosófico, psicanalítico etc.), e é em Meschonnic (2000) – que aparece traduzido em Martins (2022) – que temos de forma rara e didática toda a explicação a respeito de cada um dos sujeitos – com doze diferentes possibilidades. Elas se diferenciam do sujeito do poema, cuja necessidade vem da Poética, como crítica do signo e crítica das ideias recebidas e estagnadas em geral:

A partir desta nova teoria do sujeito, a necessidade de postular um sujeito do poema, a poética é uma abordagem [*démarche*] negativa. Ela se afasta das ideias recebidas. Inevitavelmente há uma outra consequência. Precisamos nos dar conta de que esta crítica do signo vem do ritmo, quer dizer, vem da poética (MESCHONNIC In: MARTINS, 2022, p. 31)

## Modernidade e modernidade da modernidade

A crítica do ritmo é o que constitui a teoria da linguagem enquanto crítica do signo e enquanto crítica da assim denominada “questão-do-sujeito”, que vem ecoando na academia (MESCHONNIC, 2023, p. 47). Entende-se a expressão “crítica do ritmo” como crítica pelo ritmo e contra o signo – compreendido, por sua vez, como dizendo respeito a todas as teorias dicotômicas, taxonômicas e estruturantes.

# CRIAÇÃO & CRÍTICA

Dentro de uma forma semelhante de pensar e de inventar o pensamento, como diria Meschonnic, a modernidade da modernidade faz-se como crítica da modernidade. A modernidade é necessariamente crítica, já que se constitui na crítica dos discursos sobre a modernidade, sobre os filosofismos e sociologismos em torno da modernidade.

A modernidade como “intermitência da individuação” (MESCHONNIC, 2009, p. 75), ou seja, como algo que, por sua própria poética, reaparece intermitentemente, de tempos em tempos, sempre em contraposição ao que lhe for contemporâneo – este, próprio dos modismos, dos clichês, das repetições, das celebrações em geral. Porque é sempre crítica, a modernidade já é, por natureza, modernidade da modernidade. Por isso mesmo, como pondera nosso pensador-poeta na referência ao termo “moderno”: “esse termo que tinha o ar de ser destinado a ser indefinidamente como uma cortiça na água e sempre atual” (MESCHONNIC, 2023, p. 87).

Seriam, modernas, nessa linha de pensamento, todas as obras que mudam, a cada momento, qualquer coisa em sua ordem, indo sempre contra sua própria contemporaneidade.

O autor estabelece, também, certa equivalência entre o moderno e o sujeito do poema, na medida em que “[...] o que há de mais moderno no mundo é o sujeito. Ele começa a ser moderno, ele trabalha para ser um sujeito, quando não se reconhece mais no presente passado, e se ele opõe, a tudo o que mantém a teoria e a sociedade tradicionais, a sua recusa” (MESCHONNIC, 1988, p. 301).<sup>6</sup>

O moderno se faz assim no sujeito do poema, e este se faz sujeito do poema na medida da sua entrada na modernidade, que é “toda, inteira conflito. Entre historicismo e historicidade” (MESCHONNIC, 1988, p. 301). A modernidade, assim compreendida, não estaria no tempo, mas seria um aspecto presente na arte, no sentido do aspecto inacabado das obras. “

Tanto a modernidade, quanto o sujeito do poema são atividades, próprias do inacabamento das obras, que continuam a agir, qualquer que seja sua época. Por isso mesmo, “A modernidade é um operador de passagem. Uma forma-sujeito. A alegoria mesmo da função sujeito que é aquilo que pode passar de um sujeito a outro sujeito. Uma função poética, ética, política” (MESCHONNIC, 2023, p. 216).

## Sobre a historicidade radical

Meschonnic (2012), em volume póstumo com o título intrigante de “*Linguagem, história uma mesma teoria*” (“*Langage, histoire une même théorie*”), baseia-se na teorização de Saussure (1989[1968]) em torno da arbitrariedade radical

<sup>6</sup> Insérer original “[...] ce qu’il y a de plus moderne au monde est le sujet. Il commence à être moderne, il travaille à être un sujet, quand il ne se reconnaît plus dans le présent passé, et s’il oppose, à tout ce qui maintient la théorie et la société traditionnelles, son refus”.

# CRIAÇÃO & CRÍTICA

do signo linguístico para propor a conceituação de historicidade radical, nesse trabalho em que seu foco primordial é aquele da defesa – na linha de Humboldt (1836) – de um vínculo estreito entre linguagem e história.

Meschonnic (2009), em volume publicado um mês antes de seu desaparecimento, já traz a conceituação presente na outra obra, a qual, conforme atestado no prefácio por Gérard Dessons, teria sido um volume “sempre anunciado, jamais terminado, durante mais de trinta anos foi tido, segundo os dizeres de seu próprio autor, por um livro ‘infazível’” (MESCHONNIC, 2012, p. 7)<sup>7</sup>. Segundo Dessons, no entanto, em dezembro de 2008, o autor colocou um ponto final a esse longo empreendimento. São essas as duas últimas publicações de caráter teórico do autor, as quais trazem profundas elucidações sobre muito do que encontramos de forma esparsa e muitas vezes reticente nas outras obras.

A historicidade radical converge com a ideia de modernidade radical, ou de modernidade da modernidade, na medida em que o desafio da historicidade, do situar-se na historicidade, será aquele de vermos que o que define a ética e a política da poética é a situação, quer no teológico-político (naquilo que em várias de suas outras obras o autor denomina “signo”), quer no radicalmente histórico: de um lado, o historicismo, a estruturação nas instituições, o instituído, o que se fechou em si mesmo; de outro, o aberto e criativo, o inacabado, o jogo sempre ainda por decidir (MESCHONNIC, 2009, p. 75).

Em Saussure, encontramos a referência à arbitrariedade radical do signo linguístico, que será tomada e desdobrada por Meschonnic na demanda pela Poética como entrada necessária para uma teoria crítica da Linguagem: “Mas, de fato, os valores continuam a ser inteiramente relativos, e eis porque o vínculo entre a ideia e o som é radicalmente arbitrário” (1975, p. 83). Por sua vez, é de De Mauro a referência, em Saussure, à radical historicidade dos sistemas linguísticos: “O sentido não convencional da arbitrariedade saussuriana, a profunda consciência da necessidade histórica do signo, a consciência, em suma, da radical historicidade dos sistemas linguísticos” [...] (1968, p. 420).<sup>8</sup>

A arbitrariedade e a historicidade radicais são decorrências do funcionamento dos sistemas linguísticos como sistemas de valores, de onde decorre a defesa de Meschonnic da Poética, e não da Estética, que, segundo ele, elide o valor:

O valor supõe uma ambivalência da historicidade. [...] O valor supõe uma noção mais sutil da historicidade como tomada dos contrários, entre a resultante, da época, dos saberes e das práticas (que, se for só, não dá senão o dejetivo da época: o que restou aí) e uma invenção

<sup>7</sup> Inserir original “Toujours annoncé, jamais terminé, pendant plus de trente ans ce livre est passé, aux dires mêmes de son auteur, pour un livre ‘infaisable’”.

<sup>8</sup> “Il senso non convenzionalistico dell’arbitrarietà saussuriana, la profonda coscienza della necessità storica del signo, la coscienza, insomma, della radicale storicità dei sistemi linguistici [...]”.

# CRIAÇÃO & CRÍTICA

que os transforma, uma atividade que continua, imprevisível e – é necessário reconhecê-lo – incompreensível, pois, sendo toda situada, ela faz seu tempo, ela é o que resta daí, o que sai daí. Nem o sucesso contemporâneo, nem o insucesso contemporâneo não são os seus signos certos (2023, p. 193).

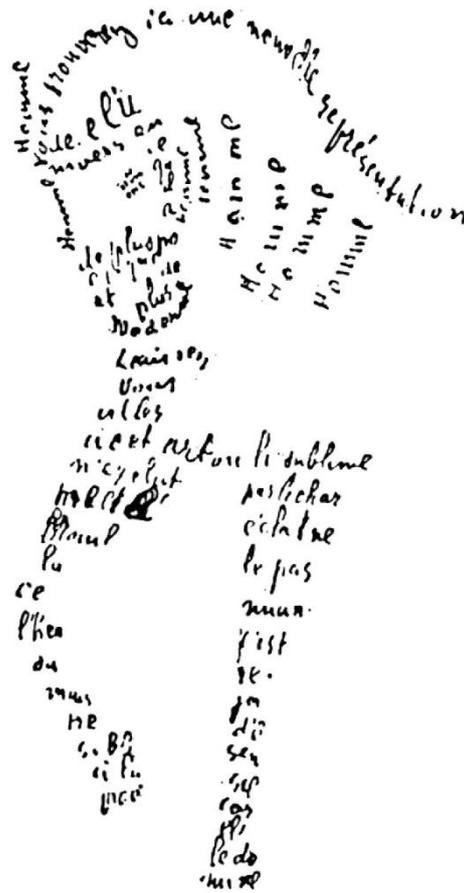
A História se dá em aberto para o desconhecido, para a invenção, para a Arte e para a Poesia, no sentido mais amplo que possamos dar a esses termos, que acabam por se traduzir na historicidade radical. Ao desconhecido, conforme a epígrafe de *Critique du Rythme* (MESCHONNIC, 1982), para o qual, em minha defesa aqui, é necessário – se queremos genuinamente continuar Meschonnic – percorrer os interstícios de sua forma profunda de pensar.

## **Buscando em Apollinaire uma ilustração, e uma conclusão**

Guillaume Apollinaire (1880-1918) é um daqueles poetas – ao lado de Victor Hugo, Baudelaire, Mallarmé, os surrealistas – constantemente citados por Meschonnic, e que em sua obra cumprem o papel não apenas de exemplificações, mas como ilustrações e rastros para nossa maior compreensão de seu próprio pensamento, já que nosso teórico-poeta não se baseia apenas em teóricos para construir sua proposta teórica genuína e específica.

Apresento abaixo, seguido de transcrição em francês e de proposta tradutória, um dos famosos caligramas de Apollinaire.

# criação & crítica



—  
tout ferriblement

Guillaume Apollinaire

Figura 1: Caligrama Cheval.

Fonte: <[https://www.akg-images.com/archive/Calligrame-%E2%80%9CCheval%E2%80%9D-\(detail\)-2UMEBM5N231V.html](https://www.akg-images.com/archive/Calligrame-%E2%80%9CCheval%E2%80%9D-(detail)-2UMEBM5N231V.html)>

# CRIAÇÃO & CRÍTICA

Na página da OBVIL – *Observatoire de la Vie Littéraire* - encontramos, no formato abaixo, o texto do caligrama do cavalo:

Apollinaire, Guillaume. (1917) [Calligramme (cheval)]

Homme

vous trouverez ici une nouvelle représentation de l'univers en ce qu'il a de plus poétique et de plus moderne

Homme Homme Homme Homme Homme Homme Homme Homme

Laissez-vous aller à cet art où le sublime n'exclut pas le charme et l'éclat ne brouille pas la nuance

c'est l'heure d'être sensible à la poésie car elle domine tout terriblement

Guillaume Apollinaire

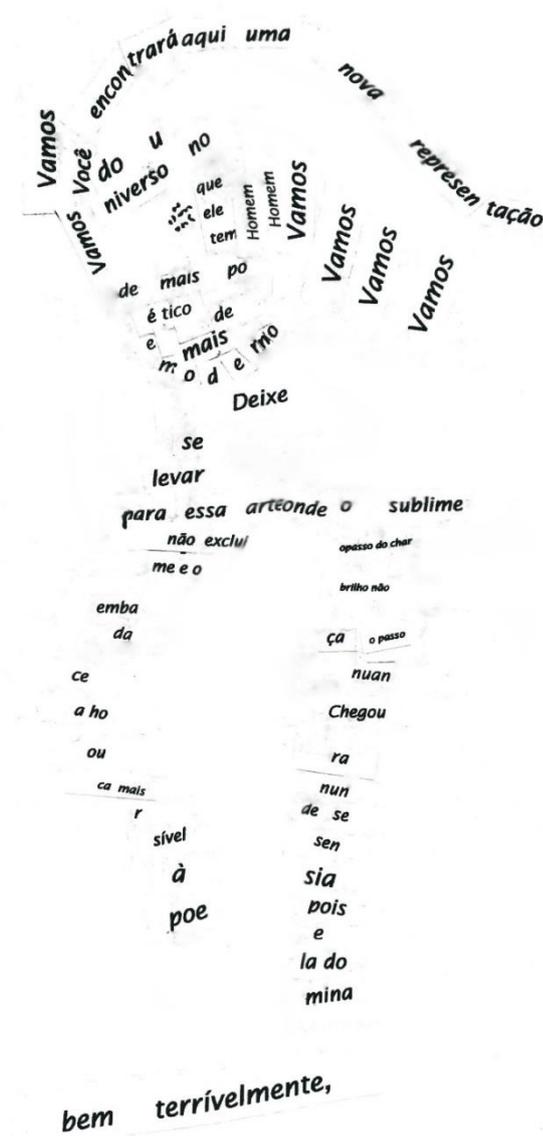
[Disponível em: [https://obvil.huma-num.fr/obvie/apollinaire/?q=cheval&view=doc&id=apo-P\\_1917-01\\_survage-lagut\\_p002b\\_001](https://obvil.huma-num.fr/obvie/apollinaire/?q=cheval&view=doc&id=apo-P_1917-01_survage-lagut_p002b_001)]

**Quadro 1:** Transcrição em francês do caligrama do Cavalo

Foi ao levar em consideração a defesa contínua de Meschonnic em torno do ritmo, e da necessidade de traduzirmos o ritmo – e não o signo – dentro de uma proposta em que nega que o ritmo possa ser reduzido à métrica – porém em que muitas vezes ficamos desamparados em ter mais clareza sobre o que seria, afinal, traduzir o ritmo – que elaborei a proposta tradutória abaixo.

Com essa proposta, assim, busquei dar conta do que seria traduzir o ritmo pensando Meschonnic, ou seja, levando adiante seu pensamento.

# CRIAÇÃO & CRÍTICA



Guillaume Apollinaire

**Figura 2:** Proposta de tradução em português do caligrama “Cheval”. Técnica de recorte, colagens e fotografia.<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Em Martins (2023), comento com mais detalhe elementos presentes no poema de Apollinaire e nesta proposta tradutória.

# CRIAÇÃO & CRÍTICA

Em meu entender, este caligrama é bastante propício a ilustrar os conceitos-chave meschonnicianos que vim discutindo, e por isso mesmo coloquei-o aqui, à guisa de conclusão, já que nele presenciamos:

1. A junção entre ético, poético e moderno numa mesma sequência (veja-se a parte que se localiza entre o olho e a boca do cavalo);
2. A predominância do poético, ou seja, da “poesia que domina bem terrivelmente” (vejam-se as patas no ponto em que batem no chão);
3. A predominância do ritmo: é de ritmo - enquanto “organização da fala” (MARTINS, 2022) - que se faz este poema, seja pela sua formatação no corpo de um cavalo a trote ou a galope, seja pelo balanço dos versos ou pedaços de versos nas pernas do cavalo, e por sua alternância, a serem lidos primeiro da esquerda para a direita (até a altura do joelho), depois da direita para a esquerda (do joelho para baixo), como se de fato tivéssemos um cavalo em movimento diante de nós;
4. A duplicidade do léxico “pas”, que pode ser lido como compondo a negativa francesa, e também como “passo”, por se localizar na perna do cavalo em movimento, a passo e compasso.

É o moderno, que se faz moderno em contraposição e na contramão do contemporâneo e das academias. É a duplicidade da linguagem, em sua arbitrariedade radical. É a historicidade, é a linguagem, história uma mesma teoria.

É o sujeito do poema, diferente do sujeito filosófico ou do sujeito sociológico, ou do sujeito psicanalítico. É a teoria crítica da linguagem que emerge na junção entre ético, poético e político.

Se não por outros motivos, o ético se faz presente pela interpelação ao outro, pelo dramático e recitativo: “*Homme, homme, homme*”, a chamada à humanização pela Arte, para que juntos nos façamos sujeitos do poema.

“*Vous trouverez ici...*” um chamamento eminentemente político, porque se dá na chamada à união das pessoas em torno da transformação do *statu quo*.

E, por isso mesmo, eminentemente moderno.

De resto, é pela teoria do ritmo meschonniciana que nos sentimos impulsionados a essa proposta de tradução, que não pode dispensar o corpo do cavalo, nem a distribuição muito específica dos versos. Se não tivesse feito assim, eu teria traduzido o signo, mas não o ritmo.

E é dessa forma, traduzindo assim, ou seja, na prática experimental da tradução, que podemos entender o que, afinal, é o ritmo na proposta meschonniciana, e de que forma não se reduz - nem poderia se reduzir - à métrica.

## Referências

# CRIAÇÃO & CRÍTICA

MARTINS, M. S. C. (Org.). *Henri Meschonnic: ritmo, historicidade e a proposta de uma Teoria Crítica da Linguagem*. Ebook. Campinas: Mercado de Letras, 2022. Disponível em: <https://letra.fflch.usp.br/publicacoes-dos-docentes>

MARTINS, M. S. C. Um pouco da poética de Guillaume Apollinaire: “o cavalo”, “zona” e o caligrama do cavalo. *Revista de Letras da UFC*, 2023.

BENVENISTE, Émile. “Da subjetividade na linguagem”. In: *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes, 1988. pp. 284-293.

BENVENISTE, Emile. “O aparelho formal da enunciação”. In: *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 2006, pp. 81-90

DESCOMBES, Vincent. *Le Même et l'Autre: Quarante-cinq ans de Philosophie Française (1933-1978)*, Paris: Minuit, 1979.

HORKHEIMER, Max. Teoria tradicional e teoria crítica. *Textos Escolhidos*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

MESCHONNIC, Henri. *Critique du rythme: anthropologie historique du langage*. Paris: Verdier, 1982.

MESCHONNIC, Henri. *La rime et la vie*. Paris: Verdier, 1989.

MESCHONNIC, Henri. *Modernité, modernité*. Verdier, 1988.

MESCHONNIC, Henri. *Crise du signe*. Politique du rythme et théorie du langage/ Crisis del signo. Política del ritmo y teoría del lenguaje. República Dominicana, Comisión Permanente de la Feria del Libro, 2000.

MESCHONNIC, Henri. *Pour sortir du postmoderne*. Paris: Klincksieck, 2009.

MESCHONNIC, Henri. *Poética do Traduzir*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

MESCHONNIC, Henri. *Langage, histoire une même théorie*. Paris: Verdier, 2012.

MESCHONNIC, Henri. Para sair do pós-moderno: questões de poética, de ética e de linguagem. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2023.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística generale*. Introduzione, traduzione e commento di Tullio De Mauro. Bari: Ed. Laterza, 1968.

nº37

# CRIAÇÃO & CRÍTICA

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1975.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Édition critique par Rudolf Engler. Wiesbaden: Harrassowitz, 1989 [1968].

VON HUMBOLDT, Wilhelm. *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluß auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts*. Berlin: Königlichen Akademie, 1836.

Recebido em: 19/06/2023

Aceito em: 15/12/2023